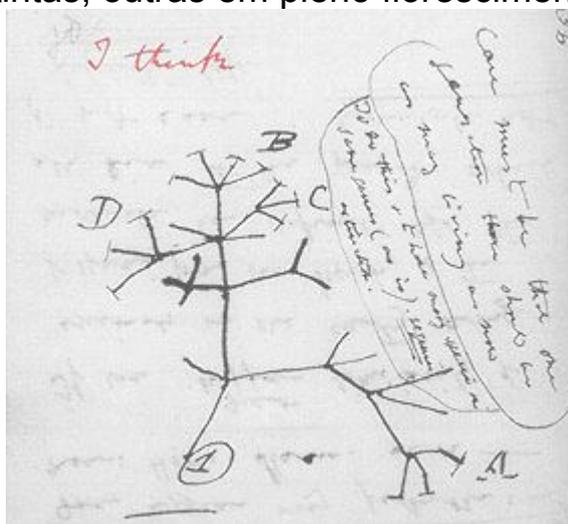


A ÁRVORE DA VIDA

Artigo de Viriato Soromenho-Marques publicado na revista VISÃO, edição de 17 de Setembro de 2009

POUCOS TESTEMUNHOS gráficos mais pungentes existirão de um rasgo de génio intelectual do que o desenho que Darwin efectuou na página 36 do seu caderno B, da série sobre a “Transmutação das Espécies”. Essa imagem, que mais de cem mil portugueses contemplaram na exposição que a Gulbenkian dedicou ao 2.º Centenário de Darwin, representa uma árvore evolutiva. A partir de uma raiz biológica comum sucede-se uma série de ramificações, correspondendo a espécies distintas, algumas delas já extintas, outras em pleno florescimento.



Nesse desenho de uma enorme simplicidade, lançava-se a base de uma nova visão da vida caracterizada pela unidade e pelo tempo longo. Características morfológicas que se julgavam definitivas na perspectiva do criacionismo, passaram a ser meros momentos de uma história natural marcada pela selecção e pela adaptação. A ideia de um parentesco, de uma “mãe universal comum”, na expressão que Kant ousara como mera hipótese de razão no último quartel do séc. XVIII, tornou-se demonstrável, já depois de Darwin, com os enormes avanços no desvendamento do código genético e na plena compreensão da sua característica de língua estrutural comum da miríade de formas vitais, actuais ou desaparecidas.

DARWIN CONFIRMOU pela via da ciência o que Francisco de Assis havia afirmado pela reinvenção da experiência religiosa do

cristianismo: a nossa pertença humana como membros iguais, e não como senhores tirânicos, à comunidade dos seres vivos e de todas as criaturas existentes. Quem esperasse, contudo, que depois de Darwin irrompesse uma ética universal de humildade dos humanos, traduzida no respeito e na solidariedade para com as outras espécies vivas, animais, vegetais, formas de vida terrestre e marinhas, enganar-se-ia redondamente.

A intuição central do darwinismo, que consiste na existência de uma afinidade íntima essencial entre todos os seres vivos, não se traduziu em actos concretos. Apesar de alguns passos positivos na conservação da Natureza, a verdade é que a pressão da civilização humana sobre as outras criaturas e os ecossistemas naturais acelerou de modo dramático nos últimos cinquenta anos. Num relatório recente do WWF (*World Wildlife Fund*), apontava-se para que a pegada ecológica da humanidade, isto é, as exigências humanas anuais em bens e serviços naturais está hoje 30% acima da capacidade regenerativa do Planeta. Por outro lado, entre 1961 e 2005, a qualidade dos indicadores de equilíbrio da diversidade biológica degradaram-se em 30%.

AS NAÇÕES Unidas declararam 2010 como o Ano Internacional da Biodiversidade. Muitas são as dificuldades que se opõem ao sucesso desse ano, com as suas mensagens de alarme e urgência. Mais de metade da humanidade vive em grandes cidades, em ambientes fortemente artificiais, em que o acesso à biodiversidade é muitas vezes feito por via meramente virtual. Por outro lado, a falta de sensibilidade dos dirigentes políticos à biodiversidade roça o verdadeiro analfabetismo funcional. A urgência é ditada hoje pelas necessidades de curto prazo, tornadas ainda mais prementes pela crise económica e financeira ainda em curso.

Pertencemos todos a uma geração que a força misteriosa do tempo conduziu a uma encruzilhada absolutamente inédita. Somos a primeira geração em toda a história da humanidade com verdadeiros poderes de vida ou de morte sobre a frágil árvore que Darwin esboçou num momento de iluminação. Não nascemos sozinhos como espécie. Ainda menos poderemos sobreviver sozinhos. Se não soubermos preservar essa árvore da vida, deixando de a sacrificar nos altares do bezerro dourado do crescimento a qualquer custo, um dia só restará a humanidade e o deserto, E no dia seguinte, só sobrá o deserto.

Viriato Soromenho-Marques